

A CRIANÇA COMO OBRA DE ARTE TOTAL: Integração entre a Estética Wagneriana e o Mundo Objetivo na Educação Infantil

LUCAS SOUZA MIRANDA¹

<https://orcid.org/0000-0002-6268-3113>

lucass.miranda@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo investiga a relação entre a percepção infantil, a educação ambiental e a estética, partindo do problema de como integrar a criança ao mundo objetivo (exterior) de forma eficaz diante da fragmentação imposta pela linguagem. O objetivo geral é demonstrar que a criança habita em uma totalidade original e que o conceito de Obra de Arte Total de Richard Wagner pode auxiliar na preservação dessa unidade psíquica e ecológica. O marco teórico fundamenta-se na psicologia analítica de Jung, na psicanálise lacaniana, na psicologia preditiva e na biofonia de Bernie Krause. A metodologia adotada é a amplificação, que expande as associações simbólicas entre áreas distintas do saber. Os resultados apontam que o cérebro infantil, ao operar por modelos de predição em um estado de indiferenciação, percebe o mundo como uma extensão de si. Conclui-se que, ao aplicar a confluência das linguagens artísticas no ensino, promove-se uma alteridade profunda, em que o respeito à natureza emerge como uma necessidade estética de manter a harmonia da "orquestra" da qual o sujeito faz parte, superando a visão da natureza como objeto externo de exploração.

Palavras-chave: Educação Infantil. Obra de Arte Total. Psicologia Analítica.

THE CHILD AS A TOTAL WORK OF ART: Integration Between Wagnerian Aesthetics and the Environment in Early Childhood Education

ABSTRACT

This article investigates the relationship between childhood perception, environmental education, and aesthetics, addressing the problem of how to effectively integrate children into the objective world despite the fragmentation imposed by language. The general objective is to demonstrate that children inhabit an original totality and that Richard Wagner's concept of Total Work of Art can assist in preserving this psychic and ecological unity. The theoretical framework is based on Jungian analytical psychology, Lacanian psychoanalysis, predictive psychology, and Bernie Krause's biophony. The adopted methodology is amplification, which expands symbolic associations across different fields of knowledge. The results indicate that the infant brain, operating through prediction models in a state of undifferentiation, perceives the world as an extension of itself. It is concluded that by applying the confluence of artistic languages in education, a deep alterity is promoted, where respect for nature emerges as an aesthetic necessity to maintain the harmony of the "orchestra" of which the subject is part, overcoming the view of nature as an external object of exploitation.

Keywords: Early Childhood Education. Total Work of Art. Analytical Psychology.

¹ Lucas Souza Miranda é bacharel em música - canto e mestre em Artes, Cultura e Linguagens, ambos pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Em seu mestrado pesquisou, a partir de conceitos da psicologia analítica, da psicanálise e da filosofia, poder e símbolo em *Der Ring des Nibelungen*, de Richard Wagner. Iniciou sua formação em psicologia em 2021 e participa da escola de psicanálise do Fórum do Campo Lacaniano.

1. INTRODUÇÃO

É uma tarefa curiosa para qualquer adulto observar o mundo infantil ao seu redor. A criança surge, aos olhos, primeiro como um ser incompleto, que necessita apenas de proteção e cuidado, e que deve ser introduzida ao mundo dos adultos, descobrindo a realidade através do olhar destes. Para o adulto atento, no entanto, ela logo se mostra um ser, a seu modo, completo, que se integra ao mundo através do mesmo processo de imaginação da realidade objetiva que o adulto utiliza. A criança não apenas percebe e absorve o mundo, ela deve, como veremos neste artigo, criar a realidade em relação com o mundo externo. Entender a criança como esta totalidade que está ativamente criando o mundo objetivo ao seu redor é um desafio significativo de abstração, mas veremos como as psicologias e a arte, através do conceito de obra de arte total, podem nos auxiliar neste processo de entender a criança e integrá-la ao seu exterior de modo eficaz.

O presente artigo pretende demonstrar que, ao contrário do adulto, a criança não percebe o mundo objetivo como diferente de si e como, a partir do conceito de obra de arte total de Wagner, podemos aproveitar esta inclinação natural das crianças para ensiná-las a unidade entre as linguagens e a relação destas com o meio externo e suas transformações.

Para entendermos como se dará este processo faremos um rápido percurso pelo funcionamento psíquico, ou, se quisermos, neurológico da criança. Este percurso se dará através tanto da psicologia analítica e da psicanálise, quanto da psicologia preditiva e do pensamento estético de Wagner.

Descobriremos como a psicologia analítica nos ajuda a expandir e melhor entender nosso objeto de estudo através da amplificação. Na psicanálise, veremos que o homem faz da linguagem a ferramenta fundamental, através da qual, ele interpretará e criará ativamente o mundo e a si mesmo. Veremos como a criação de categorias de conjunto, a partir do uso dessa linguagem, é uma construção profundamente artificial (embora, também, profundamente necessária). Veremos também, como isso conversa com a psicologia preditiva e o funcionamento do cérebro, a partir de modelos e testes de probabilidade. Aplicaremos os conceitos expostos a partir desse referencial teórico ao ensino das crianças e veremos como o

conceito de união entre as diversas áreas do conhecimento, aqui expresso pela ideia de Obra de Arte total de Wagner, pode nos auxiliar a ajudá-las a entenderem o ambiente ao seu redor, através de uma integração entre as linguagens e também do “Eu” como parte do mundo. Veremos como estes conceitos conversam com a ideia de que a natureza se comporta de modo qualitativamente idêntico ao homem, funcionando como uma “grande orquestra” (Krause, 2013) e como a alteridade que se cria a partir desse entendimento pode nos auxiliar a lidar melhor com o meio exterior e as diferentes expressões da vida.

2. METODOLOGIA DO TRABALHO

Nota-se, já desde a introdução, que a metodologia deste trabalho, bem como sua fundamentação, possui fontes de áreas de pesquisa distintas entre si. Isto não é ao acaso. Essencialmente, uma pesquisa pode se dar de duas formas opostas: a primeira delas é a maneira reducionista (palavra frequentemente usada como demérito, mas que trata de uma operação fundamental do conhecimento) e a outra é a amplificação.

A primeira tenta reduzir o ruído de um objeto de pesquisa específico e, a partir dessa redução, chegar ao cerne da pesquisa. Ao eleger um objeto de pesquisa, o método reducionista quer, como é evidente em seu nome, retirar qualquer material que não esteja diretamente relacionado ao objeto e, assim, impedir que um referencial teórico mais abrangente atrapalhe a busca pelas causas primeiras. Este método visa retirar da pesquisa a contingência ao redor dela, deixando apenas o essencial e causal. É o método utilizado, por exemplo, na psicanálise Freudiana, em que a busca se dá conteúdo reprimido e o objetivo, em linhas gerais, é a transformação do sintoma (representante manifesto do conteúdo reprimido).

O outro método, que aqui adotaremos, é o da amplificação, um método adotado pela corrente de pensamento Junguiano, por exemplo. Em linhas gerais, é uma forma de pensar na qual se busca ampliar ao máximo as associações simbólicas, culturais e científicas, formadas a partir de um objeto de pesquisa qualquer. Nele, o objetivo não é reduzir para conhecer, mas expandir ao máximo, tendo a premissa de que nenhuma área de conhecimento produziu ainda síntese de

conhecimento o suficiente para explicar qualquer fenômeno e que todas as associações simbólicas e culturais que aparecerem a partir do objeto o representam em alguma medida, mesmo que obscura.

[...] devemos até mesmo nos entregar a especulações, pois, ao tratarmos dos problemas psíquicos, tropeçamos continuamente em questões fundamentais que se tornaram domínio exclusivo dos ramos mais diversificados do conhecimento. Nós inquietamos ou mesmo irritamos o teólogo não menos do que o filósofo, e o médico não menos do que o educador, e tentamos inclusive no campo específico do biólogo e do historiador. Esta extrapolação não se deve à nossa curiosidade, mas à circunstância de que a psique do homem é uma combinação estranha de fatores que são, ao mesmo tempo, o objeto particular das ciências de âmbito maior. De fato, foi a partir de si próprio e de sua constituição peculiar que o homem produziu suas ciências. Estes são sintomas de sua psique (Jung, 2013, p. 345).

Talvez pareça, a este ponto, tratar-se aqui de uma pesquisa puramente psicológica, mas não é o caso. Entender esta questão metodológica é fundamental para não correremos o risco de isolar o objeto de pesquisa: a questão do mundo infantil e do mundo objetivo. Ao contrário! Queremos desvelar, através desta metodologia, que a questão é complexa e está fundamentalmente ligada ao modo de pensar infantil e a como a criança percebe o seu entorno e com ele se relaciona. A amplificação é também o que fará com que relacionemos diretamente a música de Wagner, a psicologia infantil e as manifestações da natureza (que serão explicitadas a partir de Krause). Para entendermos estes últimos aspectos, devemos introduzir rapidamente aqui as ideias e a influência de Richard Wagner sobre as diferentes linguagens.

Na segunda metade do século XIX, Richard Wagner despontava como um dos maiores compositores e pensadores da música e da arte. Seu pensamento possuía falhas típicas de seu tempo, mas, igualmente, inovações e méritos estéticos, sendo produzido a partir da mais sofisticada filosofia da época, como a de Schopenhauer e Nietzsche. Este último, inclusive, fora seu amigo e admirador e dedicara a ele um volume inteiro: “Wagner em Bayreuth” (2009). Era admirado, também, por políticos da época, como Dom Pedro II, que o referiu como o músico do futuro, influenciando bastante a música do Brasil à época.

D. Pedro II já havia conhecido Wagner nos salões da condessa Von Schleinitz, em Berlim, durante sua primeira viagem. A condessa, grande admiradora e fauzy do célebre músico, pedia a cada um de seus hóspedes um contributo para a construção do teatro que se estava erigindo em Bayreuth. D. Pedro também teve que contribuir, quando a dona da casa lhe apresentou, com muito charme, um prato de prata.

[...] Guilherme I já havia rumado de Gastein para a pequena, mas encantadora cidade, pois tinha sido convidado para inaugurar o novo teatro e o primeiro festival que lá se teria realizado. Talvez tenha animado o “colega” alemão, durante os informais encontros nas termas. Pensamos que D. Pedro II teria ido a Bayreuth de qualquer maneira, pela grande admiração que tributava ao “músico do futuro”, como o próprio Wagner gostava de ser chamado (...). (Tasso 2014, p. 95)

Mas o que nos interessa aqui é que nós utilizamos de um conceito específico de Wagner para pensar a totalidade do homem com o ambiente e a aplicação destes pensamentos na educação ou mesmo no trato das crianças. Essa proposta é a da obra de arte total, através da qual Wagner defendia que deveria haver uma união entre todas as formas de arte em uma manifestação. Wagner defendia que não deveríamos mais nos separar do todo e produzir fragmentos de arte, deveríamos buscar a totalidade das linguagens em uma só. Wagner pensava sua obra como um drama musical completo, que tinha por objetivo maior a união de todas as artes: dança, música, teatro, literatura e artes visuais. Essa união, no entanto, não se restringe ao plano das ideias do compositor, ela se materializa efetivamente no diálogo com os intérpretes, que traduzem essa pluralidade de linguagens em uma experiência viva, concreta e necessariamente coletiva. O construto, portanto, não é apenas a indicação de um ideal, mas mostra o esforço do compositor na tentativa de se levar em consideração vários pontos de vista, quando da produção de uma obra de arte. Este termo foi aqui utilizado de modo a mostrar um ideal de confluência entre as linguagens e entre elas e o todo (compositor, intérprete, público), fundamental para entendermos uma aplicação prática de como podemos promover a integração com o mundo.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Evidentemente, pelas razões que citamos acima, a fundamentação teórica do presente artigo é vasta. Conceitos mais abstratos como a “ideia” de Platão ou a metafísica de Aristóteles naturalmente influenciaram o trabalho de todos os pensadores envolvidos, principalmente Jung e Wagner. Mas citar estes grandes autores, os quais aparecem indiretamente, demandaria a explicitação de muitas fundamentações teóricas, algo impossível para o escopo deste artigo. Assim, optamos por citar diretamente apenas a psicologia analítica, a psicanálise, a psicologia preditiva, o pensamento wagneriano e o pensamento ambiental de Bernie Krause.

A psicologia analítica contribuiu para pensarmos a formação da psique e o método de amplificação. A psicanálise nos serviu de base para pensarmos o surgimento da linguagem e como isso impacta na diferenciação do eu e do ambiente. A psicologia preditiva serviu para mostrar como o cérebro naturalmente cria modelos e os testa. Por fim, utilizamos do pensamento da totalidade e da não separação entre áreas diferentes através da música e do pensamento de Wagner e os conectamos com as descobertas de Bernie Krause sobre “a grande orquestra da natureza” (2013). Os principais livros aqui citados são “Wagner em Bayreuth” 2009, “A natureza da psique” (2013), “O sujeito lacaniano” (1998) e “The Predictive Mind” (2026).

4. DESENVOLVIMENTO

Para compreendermos a criança como um ser de totalidade e como ela se integra com o meio exterior, é preciso, primeiramente, desconstruir a visão de que seu psiquismo é apenas uma versão simplificada do adulto, que absorverá o mundo externo. Para entendermos isso, propomos uma simples pergunta: “o mundo infantil é um mundo de descobertas?” Em caso afirmativo, “qual descoberta?”

A ideia de descobrir pressupõe a existência de algo previamente acabado, oculto sob um véu, aguardando apenas o ato de ser revelado em sua forma definitiva. Em contrapartida, propomos aqui uma perspectiva distinta: a criança não apenas descobre e incorpora a realidade do adulto, mas cria uma realidade imaginada. Ela habita uma totalidade original (eu = tudo) que só passará a se

fragmentar conforme a linguagem e a sistematização de conceitos estabelecem fronteiras entre o "eu" e o "mundo".

Essa unidade indivisa ocorre, fundamentalmente, porque o cérebro infantil ainda não opera por meio de formas ou categorias pré-definidas. Para o bebê, é natural que a distinção entre o próprio corpo, os outros e o ambiente seja inexistente; não há nele uma consciência consolidada que segmente a realidade em conjuntos abstratos, como faz o adulto. Na percepção da criança, não há separação, ela é o mundo inteiro. Isso fica ainda mais evidente quando entendemos uma verdade simples: o cérebro é um órgão isolado do mundo exterior, conectado apenas pelos sentidos à exterioridade do corpo. Para fazer parte do mundo, este órgão passa a imaginar a realidade, e isso ele precisa fazer através da linguagem humana, que é, essencialmente, uma formação em cadeia de significados, a partir de conjuntos matemáticos. Um exemplo: um sofá existe dentro do cérebro pois ele o criou como categoria (conjunto A), mas, para a natureza, um sofá é um amontoado de átomos, nada mais. O homem, no entanto, cria (e recebe da sociedade) essas categorias, pois seu pensamento precisa existir a partir delas, por mais que elas existam apenas na mente humana e não do “ponto de vista” da natureza.

Lacan diz que, em sua chegada ao mundo, o ser passa por um banho de linguagem. É em decorrência deste banho – simbolicamente um batismo de inserção no nosso modo de pensar e entender o mundo – que passamos a categorizar as percepções filtradas da realidade a partir de categorias de conjunto. Assim, entre significante e significado, inserimos sentido dentro de cadeias de pensamento, fazendo relação entre imagens, gestos, sons, altura etc., correlações e hierarquias que dão sentido a um todo impossível de ser verdadeiramente internalizado. Na linguagem, o homem encontra sua ferramenta de ser no mundo, passa a separar em conjuntos tudo aquilo que existe e a mediar a experiência entre a psique e a coisa-em-si kantiana (o incognoscível do mundo, sua realidade última, o Real). (Lenz; Genevein, *et al.*, 2025, p. 134)

Pois bem, o mecanismo que o cérebro utiliza para criar estes modelos (de linguagem, inclusive) é a predição. Neurologicamente, a operação mais fundamental que existe é, a partir dos sentidos, prever a realidade e criar estes conjuntos:

A maioria de nós atravessa a vida com uma suposição simples sobre

a percepção. Acreditamos que nossos olhos nos mostram o mundo como ele é (...). Esta intuição parece tão natural que raramente é questionada. O mundo aparece estável, imediato e evidente. Os objetos parecem existir exatamente onde os percebemos. Os sons parecem surgir diretamente de suas fontes. Os sentidos parecem fornecer uma janela direta para o mundo externo. No entanto, a neurociência moderna revela que essa imagem reconfortante é profundamente enganosa. Seu cérebro nunca experiencia o mundo diretamente. Em vez disso, o que ele experiencia é sua própria melhor previsão do que o mundo provavelmente é. [O mundo] [...] é ativamente construído por processos neurais que estão constantemente tentando antecipar o que reside além das fronteiras do corpo.² (Pandya, 2026, p. 8, tradução nossa)

E ainda sobre o isolamento do cérebro:

O cérebro está aprisionado dentro de um crânio escuro. Ele não possui acesso direto ao mundo exterior. A única informação que ele recebe provém de sinais elétricos que viajam através dos nervos a partir dos órgãos sensoriais³ (Pandya, 2026, p. 8, tradução nossa).

Tendo isso como pressuposto, passamos a entender que o mundo infantil é plenamente coeso com a natureza, em suas qualidades e seus defeitos. É somente com a linguagem, esta complexa operação de conjuntos, que criaremos uma separação entre o meio e nós mesmos. Há, no bebê e na primeira infância, um processo lento de surgimento de consciência, que passa a fazer com que o homem se descole de sua natureza aos poucos e reconheça limites através do corpo (neste momento, a criança passa a não mais ser o exterior), do espaço e do outro (a partir da criação, por exemplo, da mãe como objeto externo).

A psicanálise nos ensina que a entrada do sujeito na linguagem é o marco que funda a distinção entre o "eu" e o "outro". Na primeiríssima infância, no entanto,

² Most of us move through life with a simple assumption about perception. We believe that our eyes show us the world as it is (...)

This intuition feels so natural that it rarely comes into question. The world appears stable, immediate, and self-evident. Objects seem to exist exactly where we perceive them. Sounds seem to arise directly from their sources. The senses appear to provide a direct window onto the external world. Yet modern neuroscience reveals that this comforting picture is deeply misleading. Your brain never experiences the world directly. What it experiences instead is its own best prediction of what the world is likely to be.

[the world] (...) is actively constructed by neural processes that are constantly attempting to anticipate what lies beyond the boundaries of the body. (Pandya, 2026, p. 8)

³ The brain is trapped inside a dark skull. It has no direct access to the outside world. The only information it receives comes from electrical signals traveling along nerves from the sensory organs. (Pandya, 2026, p. 8)

essa fronteira é fluida, quase inexistente. A criança habita um estado de indiferenciação em que o mundo externo e sua própria subjetividade se confundem em uma experiência única. É o que poderíamos chamar de uma percepção sinestésica do real, ou seja, para a criança, o som não apenas se ouve, ele se sente e se vê; o ambiente não é um cenário, mas uma extensão de seu próprio corpo.

Como vimos, o cérebro infantil opera como um gerador constante de modelos probabilísticos. Ele não apenas recebe dados passivamente, mas antecipa o mundo, testando hipóteses sobre o que virá a seguir. Quando a linguagem começa a organizar esse caos sensorial, ela o faz criando categorias — nomes para as coisas, limites para os objetos. Se, por um lado, essa categorização é necessária para a sobrevivência e para o convívio social, por outro, ela fragmenta a experiência de unidade original. É aqui que reside o desafio educacional: como permitir que a criança se reconecte com a percepção de um todo?

Oferece-se a ela ferramentas que a auxiliem na percepção de que somos, de alguma maneira, o mundo ao nosso redor. Ao não reduzirmos o comportamento infantil a meras etapas de desenvolvimento biológico, passamos a ver suas manifestações — o brincar, o desenhar, o balbuciar — como sintomas de uma psique que tenta manter a conexão com o arquétipo da totalidade.

Neste ponto, a música pode nos auxiliar através do conceito de “obra de arte total”. Neste conceito, Richard Wagner formulou que a apreciação do belo e o fazer artístico devem sempre buscar uma totalidade entre as linguagens (e, assim, também com o mundo). Para Wagner, a linguagem deve incluir um Todo, uma união que, necessariamente, dá aos seres uma capacidade ou uma experiência de transcendência. Aplicar o conceito de obra de arte total na educação é buscar uma existência em que as linguagens não estão separadas por muros disciplinares, mas fluem como uma corrente contínua de significado.

Aqui pode parecer ao leitor que se trata apenas de uma interdisciplinaridade, mas pressupõe-se que o homem deve, através dessa união com as linguagens e o mundo objetivo, voltar a um estado inicial, no qual não há “inter”, pois não há fora. É uma tentativa de demonstrar que, apesar de passarmos pela linguagem e pelas operações fundamentais do cérebro, ainda dispomos de ferramentas que podem nos conectar melhor com o mundo externo, percebendo que este é, no fundo, o próprio

ser, a própria criança, o próprio adulto. Unindo diferentes formas de arte e utilizando de um conceito relativamente simples, podemos reencontrar uma conexão mais direta com o mundo, o que, necessariamente, faz com que cuidemos melhor dele.

É fazendo isso que podemos voltar a funcionar como a própria natureza funciona: escutando e vivendo o mundo em sua totalidade. Afinal, mesmo que o tenha esquecido, o homem faz parte da totalidade, a qual atua como uma orquestra: dividindo-se em elementos que funcionam, no fim, como um todo.

Cada chamado é ouvido com distinção e a sobrevivência de uma criatura não depende menos da voz do que de qualquer outro aspecto de seu comportamento. As conexões entre a vocalização de determinada espécie e sua sobrevivência e reprodução só se tornam claras quando entendemos a função das vozes animais e suas relações com todas as outras vozes presentes em um mesmo habitat natural. Um organismo que precise ser ouvido para defender seu território ou para comunicar sua disponibilidade a potenciais parceiros necessitará de uma faixa de frequência acústicas bem demarcada ou de um espaço de tempo livre de ruídos (Krause, 2013, p. 91).

Propor um ensino baseado na totalidade das linguagens significa aproveitar a inclinação infantil para a unidade. Quando a criança interage com o mundo objetivo através da arte integrada, ela não está "estudando biologia" ou "fazendo música"; ela está participando de um drama cósmico, no qual sua voz e o som do vento possuem o mesmo peso na formação do ser. É aqui que o pensamento de Bernie Krause se torna crucial. Krause defende que a natureza se organiza como uma "grande orquestra", em que cada espécie ocupa um nicho acústico específico para não sobrepor o som da outra.

Essa percepção da natureza como uma estrutura musical organizada e harmônica reverbera diretamente no ideal wagneriano de orquestração. Se ensinarmos a criança a perceber o ambiente como uma "obra de arte total", em que o visual, o sonoro e o tátil estão em constante diálogo, estaremos facilitando uma forma de alteridade mais profunda. O respeito ao meio externo deixa de ser uma regra moral externa e passa a ser uma compreensão estética: agredir a natureza é desafinar a própria orquestra da qual se faz parte. A integração do "Eu" como parte do mundo, mediada pela união das linguagens, permite que o futuro adulto não veja

a natureza como um objeto de exploração, mas como o palco sagrado em que a vida, em sua totalidade, manifesta-se.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS

As análises empreendidas ao longo deste trabalho permitem inferir que a eficácia da integração da criança com o mundo objetivo não reside na apreensão de dados externos, mas na preservação de uma percepção de totalidade que é inerente à sua constituição psíquica. Ao confrontarmos a psicologia preditiva com o ideal estético da obra de arte total, o resultado que se alcança é a compreensão de que o cérebro infantil, em seu isolamento funcional, não busca apenas interpretar o mundo, mas ativamente inventá-lo, através de modelos de predição que, em sua origem, são sinestésicos e indivisos. Verificamos que a "grande orquestra" de Krause encontra eco no pensamento de Wagner, não como uma mera analogia de organização, mas como uma verdade ontológica: para a criança, a distinção entre a nota musical, o gesto e o fenômeno natural são uma construção artificial da linguagem que ainda não se consolidou. Comparando os referenciais, percebe-se que, enquanto a psicanálise delimita o "banho de linguagem" como o marco da perda dessa unidade, a aplicação do conceito de "obra de arte total" na educação atua como uma ferramenta de resistência à fragmentação excessiva do sujeito. A interpretação desses dados nos conduz à conclusão de que ensinar a criança a perceber o ambiente como uma unidade de linguagens facilita uma forma de alteridade que não é imposta de fora para dentro, mas é reconhecida como parte do próprio ser. Assim, o respeito à natureza e ao outro emergem não como uma regra moral ou uma disciplina escolar isolada, mas como uma necessidade estética de manter a harmonia da orquestra da qual o "Eu" (ego) ainda se sente parte integrante. O resultado desta pesquisa indica, portanto, que, ao unirmos os saberes da psique com a prática artística totalizante, permitimos que a criança habite um mundo no qual o conhecimento não é um amontoado de categorias de conjuntos, mas uma experiência contínua e integrada de vida, em que criar a realidade e pertencer a ela tornam-se um único e mesmo ato.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste percurso, confirma-se a hipótese central de que a criança não é um receptáculo passivo de informações, mas um agente ativo que, em sua indiferenciação original, habita e cria a realidade como uma totalidade. O problema de pesquisa, que buscava entender como integrar o sujeito ao mundo objetivo de forma eficaz, encontra resposta na aplicação do conceito wagneriano de “obra de arte total”, aliado aos achados da psicologia e da observação da natureza. Demonstramos que, ao respeitarmos a inclinação natural da criança para a unidade sensorial e psíquica, podemos transformar o ensino tradicional, muitas vezes fragmentado e reducionista, em uma experiência de mundo que preserva o vínculo ontológico entre o homem e a natureza.

Buscou-se traçar um paralelo sólido entre o funcionamento do cérebro infantil, que opera por predições e modelos de conjunto, e a necessidade de uma educação que utilize a amplificação simbólica para evitar o isolamento do sujeito em relação ao "Outro" e ao ambiente. Verificamos que a linguagem, embora necessária para a fundação do "Eu", não precisa ser uma barreira definitiva; ela pode, através da integração das artes, funcionar como a partitura que organiza a "grande orquestra" da vida sem silenciar os seus nichos naturais.

Esperamos ter demonstrado que entender que a criança "é" o mundo inteiro não é apenas um exercício de abstração teórica, mas um imperativo ético para a preservação da própria vida: ao cuidarmos da percepção infantil, estamos, fundamentalmente, zelando pela harmonia da orquestra cósmica da qual somos, simultaneamente, compositores e intérpretes.

7. REFERÊNCIAS

ABBATE, Carolyn; PARKER, Roger. **Uma história da ópera: os últimos quatrocentos anos**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FINK, Bruce. **O Sujeito Lacaniano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. 4 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

KRAUSE, Bernie. **A Grande Orquestra da natureza**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

LENZ, Ana Paula; BOLPATO, Bianca Genevain Dalpra (org.). **Cartas às crianças da Escola Municipal Maria José Villela**. Itapiranga: Schreiber, 2025.

PANDYA, Pranav. **The Predictive Mind: how the brain predicts and invents reality**. 2026.

TASSO, Dom Carlos. **Dom Pedro II na Alemanha: uma amizade tradicional**. São Paulo: Senac São Paulo, 2014.